

CIDADANIA e DIVERSIDADE

Dialogando com as TransFormações

Organizadoras:

Ana Paula Quintino Rocha

Maria Aparecida Colares Mendes





EXPEDIENTE TÉCNICO

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO NORTE DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

ORGANIZAÇÃO: ANA PAULA QUINTINO ROCHA
MARIA APARECIDA COLARES MENDES

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: BRÁULIO QUIRINO SIFFERT

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R672c
Rocha, Ana Paula Quintino

Cidadania e diversidade: dialogando com as transformações / Ana Paula Quintino Rocha; Maria Aparecida Colares Mendes. Montes Claros: IFNMG, 2020.

79 p., il.; livro digital.

Formato: PDF.

ISBN: 978-65-00-090-22-2

1. Diversidade sexual e de gênero – Cidadania. 2. Educação profissional e tecnológica. 3. Cartilha educacional. I. Mendes, Maria Aparecida Colares. II. Título.

CDD 372.372

Catalogação na fonte: Angélica Renata de Castro - CRB/6 – 2746- Bibliotecária Documentalista

O trabalho "Cidadania e Diversidade: dialogando com as transformações", de Ana Paula Quintino Rocha e Maria Aparecida Colares Mendes está licenciado com uma licença Creative Commons - Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional



SUMÁRIO



| | |
|--|----|
| APRESENTAÇÃO..... | 3 |
| INTRODUÇÃO..... | 5 |
| UNIDADE 1 - Conceitos, terminologias e expressões: um mosaico em construção..... | 8 |
| UNIDADE 2 - Gênero e EPT - uma linha do tempo em processo..... | 37 |
| UNIDADE 3 - Práticas e reflexões sobre diversidade de gênero e sexual na escola..... | 56 |
| UNIDADE 4 - Datas que marcam: visibilizar para conquistar..... | 69 |
| REFERÊNCIAS..... | 78 |

APRESENTAÇÃO





A cartilha *Cidadania e Diversidade: Dialogando com as TransFormações* surge como produto educacional elaborado a partir da pesquisa de mestrado intitulada “Educação, gênero e cidadania: a formação para a diversidade no ensino médio integrado ao técnico da Educação Profissional e Tecnológica”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT) oferecido pelo Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), *Campus* Montes Claros. A pesquisa, desenvolvida sob a orientação da Profa. Dra. Maria Aparecida Colares Mendes, teve como propósito central a criação desta cartilha, que se efetivou a partir da análise das concepções de múltiplos sujeitos do espaço educativo sobre identidade sexual e de gênero, das políticas internas da unidade estudada e das legislações referentes à educação para a diversidade sexual e de gênero.

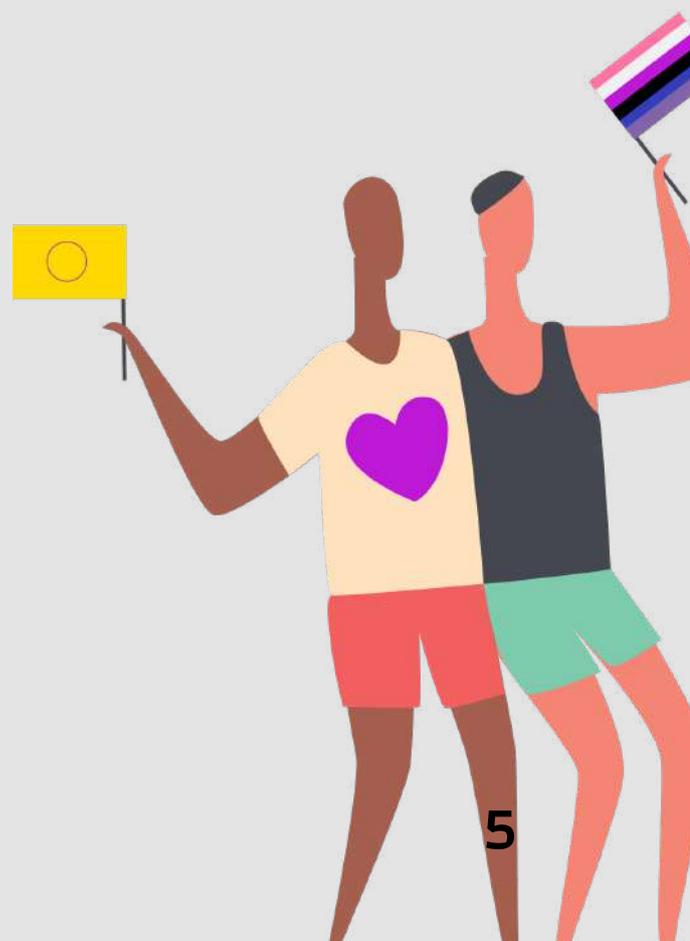
O objetivo da cartilha é subsidiar as práticas educativas na perspectiva de educar com e para a diversidade sexual e de gênero, buscando promover possibilidades para a construção de uma cidadania plena e emancipada de estudantes do ensino médio integrado ao técnico, público-alvo desta cartilha, e também de todas as pessoas inseridas nos processos educativos.

Como recurso didático, a cartilha pretende em seu conteúdo dar visibilidade às múltiplas formas de vivências existentes na escola e na sociedade como um todo para além do binarismo de gênero e das fronteiras das normatividades sexuais e de gênero. A intenção é provocar questionamentos e reflexões quanto às práticas educativas, muitas vezes tidas como corriqueiras, mas que, no entanto, são reflexos de uma sociedade ainda patriarcal, heterossexista e LGBTfóbica que insiste em controlar corpos e mentes normatizados em rígidas demarcações sexuais e de gênero, gerando desigualdades e violências.

Assim, entendendo que as reflexões sobre gênero e sexualidade no espaço educacional contribuem para a construção de um ambiente de paz e acolhimento de um público muitas vezes invisibilizado, a cartilha constitui-se como uma proposta educativa para estimular debates e sensibilizar as instituições de ensino, em especial os *campi* que fazem parte da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, sobre a importância do respeito e do reconhecimento das diversidades para o enfrentamento à LGBTfobia, para a superação da heteronormatividade e cishnormatividade e para a formação de cidadãs/ãos plenas/os e emancipadas/os participantes ativas/os na construção de uma sociedade justa e solidária.

Boa leitura!

INTRODUÇÃO





Ao longo do processo histórico da sociedade, o espaço educativo vem contribuindo para a construção do conhecimento, transitando entre uma educação que visa a consolidação da hegemonia dominante e uma educação que busca a transformação social. Neste contexto, encontra-se inserida nos marcos da política educacional brasileira a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), delineada por uma trajetória centenária.

A EPT se constitui como modalidade de educação e tem estado presente em instituições estaduais, municipais, privadas e na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. A Rede Federal, instituída em 1909, foi reconfigurada pela lei nº 11.892 no ano de 2008, criando os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Baseados em um projeto educacional que tem como perspectiva uma sociedade justa por meio da formação omnilateral, integral ou politécnica de todas as pessoas, de forma pública e igualitária, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia oferecem a educação profissional e tecnológica nas modalidades de ensino superior, médio e profissional.

E foi no contexto institucional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG) que o interesse em pesquisar a diversidade sexual e de gênero surgiu, advindo de inquietações diante das opressões sofridas pela população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, dentre as outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero (LGBT+). Ao não assumir uma postura de silenciamento, temos como propósito contribuir para a transformação da realidade por meio de intervenções que propiciem mobilizar afetos para o enfrentamento do preconceito e da discriminação às diversas identidades de gênero e sexuais.

Na ambiência do ensino médio integrado ao técnico de uma unidade de ensino, recorreremos às problemáticas relacionadas à diversidade sexual e de gênero vividas neste contexto educativo profissionalizante e a partir desta realidade trilhamos os caminhos teóricos-metodológicos para a pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT). Os dados coletados na pesquisa entre os anos de 2018 e 2020, a revisão bibliográfica, a análise documental e as entrevistas, em profundo vínculo com as dimensões do fenômeno educativo e sua relação entre gênero e sexualidade, revelaram situações de reprodução de uma sociedade heteronormativa e LGBTfóbica, suscitando reflexões do lugar da diversidade sexual e de gênero na EPT e na construção de uma sociedade que possibilite ações que contribuam para a construção de uma cidadania que seja plena e emancipada.

A cartilha apresenta-se como uma importante ferramenta de informação, formação e reflexão sobre as diversas formas de viver e se relacionar afetiva e sexualmente, colaborando, assim, para dar visibilidade às pessoas LGBTQ+ que muitas vezes têm as suas existências e direitos negados ou ameaçados e para contribuir no combate a toda forma de violência que essa população historicamente é submetida, sobretudo nos espaços educativos da EPT, lembrando que estas instituições têm como princípio a formação humana integral para a travessia rumo à emancipação e à transformação social.

Este produto educacional contou com a colaboração dos sujeitos da pesquisa entrevistadas/os: educadoras/es, egressos e estudante do ensino médio do IFNMG. No contato com essas pessoas, percebemos a necessidade de intermediação de conceitos e aprofundamento na temática sobre diversidade sexual e de gênero, o que originou elementos que forneceram aporte para a sua elaboração. Além das concepções quanto às questões relacionadas a gênero e sexualidade, essas pessoas puderam sugerir mídias (filmes, documentários, músicas, dentre outras) que tratassem sobre o assunto para a composição da cartilha.

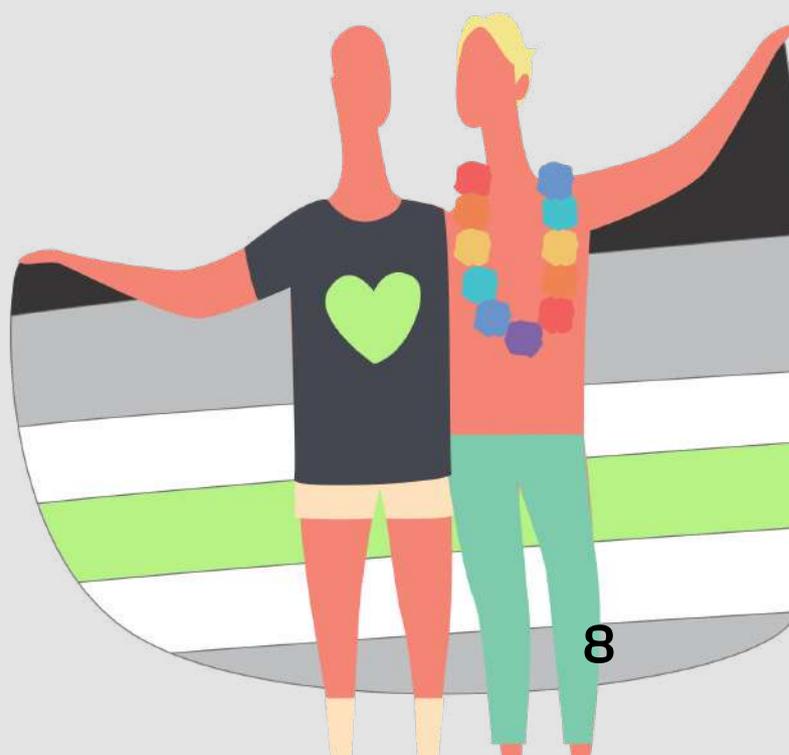
Esta cartilha se divide em quatro unidades. Na Primeira Unidade, apresentamos conceitos básicos, terminologias, expressões sobre gênero e sexualidade na busca da ampliação de uma linguagem de respeito e reconhecimento às pessoas LGBTQ+ e para o fortalecimento de um diálogo livre do preconceito.

Na Segunda Unidade é traçada uma linha do tempo pontuando momentos históricos relacionados à diversidade sexual e de gênero durante o surgimento e fortalecimento da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Nesta linha do tempo, fazemos uma breve contextualização da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, destacando o surgimento do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG). Neste período, são ressaltadas histórias de personalidades LGBTQ+ que deixaram suas marcas no mundo, a trajetória de luta por direitos e ampliação da cidadania desta população e, ainda, são indicados filmes, curtas, páginas de internet e podcasts que abordam a temática da identidade de gênero e orientação sexual emergidos em cada momento da linha.

A Terceira Unidade traz propostas educativas que favorecem a reflexão crítica quanto à diversidade sexual e de gênero, como sugestão de ação formativa para estudantes, educadora/es e demais pessoas da sociedade. E na Quarta Unidade são relacionadas datas importantes que marcam simbolicamente a luta LGBTQ+ por acesso a direitos, por reconhecimento da cidadania e como ato político e de resistência à heteronormatividade e cisnormatividade.

UNIDADE 1

Conceitos, terminologias e expressões:
um mosaico em construção



Nesta Primeira Unidade apresentamos alguns conceitos, terminologias e dicas relacionadas à diversidade sexual e de gênero emergidas de diálogos com educadoras/es, egressos e estudantes do ensino médio integrado ao técnico e ainda das leituras apoiadas em referências de teóricos e ativistas estudiosas/os de gênero e sexualidade. São verbetes e informações que ajudam a refletir, questionar e criar novas possibilidades para uma linguagem que fortaleça a luta contra o preconceito, ancorada no respeito e reconhecimento às pessoas LGBTQ+. Não pretendemos esgotar os conceitos aqui trazidos, mas provocar reflexões sobre as possibilidades discursivas para a subversão de uma linguagem construída histórica e socialmente e que muitas vezes limita as diversas formas de existências.



Agênero

Pessoa cuja identidade não se identifica ou não se sente pertencente a nenhum gênero, podendo denotar a ausência de gênero, gênero neutro ou ausência de identidade de gênero. É uma identidade não binária de pessoas transgêneras (REIS, 2018).

Aliada (o)

Pessoas que, independente da orientação sexual ou identidade de gênero, tomam ação para promover os direitos e a inclusão da população LGBTQ+. Elas são comumente conhecidas como Simpatizantes (REIS, 2018).

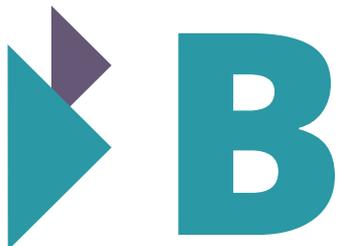


Androginia

Termo genérico que pode ser utilizado para descrever qualquer indivíduo que mescla características físicas e/ou comportamentais culturalmente definidas como masculino e feminino, ou seja, refere-se à expressão simultânea de gêneros (REIS, 2018).

Assexual

É a pessoa que não sente atração sexual por outras pessoas, seja atração parcial, condicional ou total, independente de sexo/gênero igual ou diferente ao dela. É uma das múltiplas orientações sexuais (AVILA, 2018).



Binário e não-binário

Usa-se o adjetivo “binário” para qualificar o tipo de identidade de gênero da pessoa que se identifica com um dos dois termos da divisão homem/mulher. Qualifica-se como “não binário” a identidade de gênero da pessoa que não deseja se enquadrar em nenhum desses dois termos (NASCIMENTO, S.D).



Bissexual

Pessoa que se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas de ambos os gêneros binários (mulher e homem) e possui a identidade cultural bissexual. Bi é uma forma reduzida de se referir às pessoas cuja orientação sexual é bissexual (GÊNERO, 2009).



Cisgênero

É a pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído compulsoriamente ao nascimento. Este termo é utilizado para designar pessoas que não são transgêneras. A origem da palavra vem do latim em que "Cis-" é um prefixo em latim que significa "no mesmo lado de", que, no caso do cisgênero, se refere ao alinhamento da identidade de gênero ao gênero atribuído quando do nascimento e, portanto, é oposto de "Trans-" que exprime o significado de "para além de". Isto é, a pessoa que foi identificada como mulher ao nascer e se identifica com o gênero feminino e a pessoa que foi identificada como homem ao nascer e se identifica com o gênero masculino (adaptado de Reis, 2018 e Nascimento, s.d.).



Cisnormatividade

A cisnormatividade ou normatividade cisgênera é o termo utilizado para descrever ou identificar uma suposta norma social que considera a ideia de que gêneros são binários e permanentes. A binariedade se refere às alternativas dicotômicas que classificam pessoas em macho/homem, fêmea/mulher, definidas objetivamente a partir dos corpos ou de uma 'essência'. A permanência se refere à continuidade ou imutabilidade da identificação de gênero, ou seja, entende que o 'sexo biológico' atribuído ao nascimento persiste ao longo da vida. Esta normatividade de gênero exerce, através de variados dispositivos de poder, interseccionalmente situados, efeitos colonizatórios sobre corpos, existências, vivências, identidades e identificações de gênero que, de diversas formas e em diferentes graus, não estejam em conformidade com seus preceitos normativos. Desta forma, a cisnormatividade não permite a possibilidade de existência ou visibilidade trans (VERGUEIRO, 2015).

Corpo

Conceito que compreende, além das potencialidades biológicas, todas as dimensões psicológicas, sociais e culturais do aprendizado através das quais as pessoas desenvolvem a percepção da própria vivência (GÊNERO, 2009).



Crossdresser

É a pessoa que frequentemente veste roupas e/ou utiliza objetos geralmente atribuídos ao gênero binário (mulher e homem) oposto ao atribuído a ela ao nascimento para vivenciar momentaneamente papéis de gênero diferente ao seu. Em geral, não realiza modificações corporais e não chega a estruturar uma identidade transgênera (NASCIMENTO, S.D).



Diversidade Sexual

Diversidade sexual e diversidade de gênero são conceitos fortemente relacionados. Diversidade sexual engloba distintas orientações sexuais (exemplos: pansexualidade, assexualidade, bissexualidade, homossexualidade, heterossexualidade etc) e distintas identidades de gênero (exemplo: feminilidade travesti, feminilidade transexual, masculinidade transexual etc.). É uma noção importante na luta pela superação da LGBTfobia, do heterossexismo e no questionamento permanente da heteronormatividade. Esta noção, no campo da luta pelos direitos sexuais (entendidos de maneira plural), não se refere apenas à ideia de diversidade de orientação sexual e de identidade de gênero, mas inclui as/os trabalhadoras/es sexuais, pessoas solteiras, pessoas viúvas, pessoas sem filhas/os...enfim, todas aquelas/es que se colocam (ou são percebidas/os) como “dissidentes sexuais” em relação à heteronormatividade. Diversidade de gênero supõe múltiplas identidades de gênero ou diversas possibilidades de expressão de gênero. Portanto, o termo se contrapõe a visões calcadas no par binário e dicotômico masculino/feminino, posto pela heteronormatividade e pelo modelo de masculinidade hegemônica. Ou seja, implica o reconhecimento de que existem várias formas de masculinidade e feminilidade, e de que as pessoas também podem ficar na fronteira entre elas, expressar-se de maneira alternada ou, ainda, inventar novas formas de identidades ou novas expressões de gênero (CARVALHO; ANDRADE; JUNQUEIRA, 2009).



Drag King

Pessoa, geralmente que se identifica como mulher, que se veste com roupas classificadas como masculinas de forma satírica e extravagante com objetivos artísticos, performáticos e/ou profissionais. Não possui qualquer vinculação necessária com um desejo de reconhecimento de pertencer a outro gênero, nem qualquer relação necessária com a orientação sexual do artista (adaptado de Reis, 2018 e Nascimento, s.d.).

Drag Queen

Pessoa, geralmente que se identifica como homem, que se veste roupas classificadas como femininas de forma satírica e extravagante com objetivos artísticos, performáticos e/ou profissionais. Não possui qualquer vinculação necessária com um desejo de reconhecimento de pertencer a outro gênero, nem qualquer relação necessária com a orientação sexual do artista (adaptado de Reis, 2018 e Nascimento, s.d.).





Expressão de Gênero

Expressão de gênero diz respeito à como a pessoa manifesta publicamente, por meio do seu nome, da vestimenta, do corte de cabelo, dos comportamentos, da voz e/ou características corporais e da forma como interage com as demais pessoas de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero. A expressão de gênero da pessoa nem sempre corresponde ao seu gênero que lhe foi atribuído compulsoriamente ao nascimento (REIS, 2018).





Gay

Pessoa que se identifica como sendo do gênero masculino (cis ou trans) que tem desejos, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com outras pessoas também do gênero masculino (cis ou trans). Não precisam ter tido, necessariamente, experiências sexuais com outras pessoas do gênero masculino para se identificarem como gays. A palavra “gay” vem do inglês e naquele idioma antigamente significava “alegre”.

A mudança do significado para homossexual remonta aos anos 1930 e se estabeleceu nos anos 1960 como o termo preferido por homossexuais para se autodescreverem. A palavra gay no sentido moderno se refere tipicamente à orientação sexual de homens homossexuais (enquanto que lésbica é termo padrão para mulheres homossexuais) (REIS, 2018).



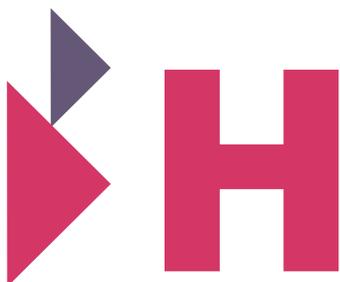
Gênero

De modo geral, o termo gênero é usado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, levando em consideração, no entanto, que a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Refere-se aos diferentes comportamentos, atitudes e sentimentos atribuídos aos papéis tidos como masculinos e femininos em um determinado contexto social e histórico, aprendidos e desempenhados no decorrer da vida. Assim, gênero significa que as pessoas são produtos da realidade social e não somente decorrência da anatomia de seus corpos (adaptado de Reis, 2018 e Nascimento, s.d.).



Gênero fluido (gender-fluid)

É a pessoa cuja identidade varia entre o gênero masculino, feminino ou gênero neutro de acordo com o que ela sente em determinado momento. É um tipo das diversas identidades de gênero que abarca o termo transgênero do tipo não-binário. Sente-se de tempos em tempos homem ou mulher ou não se identifica com nenhum gênero (adaptado de Reis, 2018 e vide <https://orientando.org/listas/lista-de-generos/genero-fluido/>).



Heteronormatividade

É a ordem sexual do presente fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo (MISKOLCI, 2016). Relacionada ao comportamento, desejos e as identificações de gênero admitido como aceitáveis àqueles ajustados ao par binário masculino/feminino, ou seja, se relaciona a ideia de que o padrão heterossexual de conduta é o único válido socialmente e todas as outras são consideradas, por consequência, desvios de conduta moral ou transtornos psíquicos. Desse modo, toda a variação ou todo o desvio do modelo heterossexual complementar macho/fêmea – seja através de manifestações atribuídas à homossexualidade, transgeneridade, dentre outras – é marginalizada/o e perseguida/o como perigosa/o para a ordem social (GÊNERO, 2009).

SE LIGA NA DICA!

Muitas pessoas estudiosas e ativistas chamam a atenção para a importância da desconstrução da heteronormatividade como medida ao enfrentamento à LGBTfobia. (NASCIMENTO, S.D)

Heterossexismo

Atitude condizente com a ideia de que a heterossexualidade é a única forma sadia de orientação sexual. O termo é utilizado na mesma acepção que caracteriza as palavras racismo e sexismo (REIS, 2018). Pressupõe que todas as pessoas são, ou deveriam ser, heterossexuais (MISKOLCI, 2016).

Heterossexual

É a pessoa cujo desejo sexual, emocional e/ou afetivo se manifesta por pessoas do sexo/gênero diferente daquele com o qual se identifica. Heterossexuais não precisam, necessariamente, terem tido experiências sexuais com pessoas do outro sexo/gênero para se identificarem com tal orientação sexual (REIS, 2018).

Homoafetivo

Adjetivo utilizado para descrever a complexidade e a multiplicidade de relações afetivas e/ou sexuais entre pessoas do mesmo sexo/gênero. Este termo não é sinônimo de homoerótico e homossexual, pois conota também os aspectos emocionais e afetivos envolvidos na relação amorosa entre pessoas do mesmo sexo/gênero. É um termo muito utilizado no mundo do Direito. Não é usado para descrever pessoas, mas sim as relações entre as pessoas do mesmo sexo/gênero (REIS, 2018).

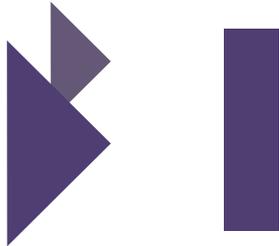


Homossexual

É a pessoa cujo desejo sexual, emocional e/ou afetivo se manifesta por pessoas do mesmo sexo/gênero com o qual se identifica. Assim, a orientação sexual denominada por homossexual pode se referir a homossexuais femininas (lésbicas) ou homossexuais masculinos (gays) (REIS, 2018).

SAIBA MAIS!

O termo homossexualismo é considerado incorreto e preconceituoso devido ao sufixo “ismo”, que denota doença, anormalidade. Em 17 de maio de 1990 a Assembleia Geral da Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou o termo e o conceito de “homossexualismo” de sua lista de doenças mentais, declarando que “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio, nem perversão”. O termo substitutivo, portanto, é homossexualidade, que se refere de forma correta à orientação sexual do indivíduo, indicando “modo de ser” (REIS, 2018).



Identidade de gênero

Identidade de gênero é uma experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao gênero atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos e outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos. Identidade de gênero é a percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino, de ambos, de outro ou nenhum gênero, independente de sexo atribuído ao nascer. Trata-se da convicção íntima de uma pessoa, de como ela se identifica e deseja ser reconhecida. A identidade de gênero da pessoa não necessariamente está visível para as demais pessoas (REIS, 2018).

SAIBA MAIS!

Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas trans podem ser lésbicas, gays, bissexuais, heterossexuais, dentre outras orientações sexuais, tanto quanto as pessoas cisgêneras.

Identidade sexual

Refere-se a duas questões diferenciadas: por um lado, é o modo como a pessoa se percebe em termos de orientação sexual; por outro lado, é o modo como ela torna pública (ou não) essa percepção de si em determinados ambientes ou situações. A identidade sexual corresponde ao posicionamento (nem sempre permanente) da pessoa como homossexual, heterossexual, bissexual ou outra orientação sexual, e aos contextos em que essa orientação pode ser assumida pela pessoa e/ou reconhecida em seu entorno (GÊNERO, 2009).



Intersexual

Pessoas que nascem com anatomia reprodutiva ou sexual e/ou um padrão de cromossomos que não se encaixam na definição típica de “sexo masculino” ou “sexo feminino”. Essa condição pode ser “descoberta” e/ou identificada em qualquer idade, mas geralmente a pessoa é classificada como intersexual quando no nascimento diante de uma ambiguidade da genitália e/ou gônada. Intersexual é um termo guarda-chuva que se refere a um conjunto amplo de variações do padrão culturalmente estabelecidos de corpos tidos como masculinos e femininos. Ainda é comum a prescrição de terapia hormonal e a realização de cirurgia, destinadas a adequar aparência e funcionalidade da genitália, muitas vezes antes dos 24 meses de idade. Contudo, algumas pessoas intersexuais submetidas a este processo relatam que não se adaptaram e rejeitaram o sexo designado ao nascimento, respaldando uma conduta terapêutica que defende o adiamento da intervenção até que a/o jovem sujeito possa participar na tomada da decisão. Desta forma, pessoas intersexuais tem-se mobilizado cada vez mais, a nível mundial, para que a intersexualidade não seja entendida como uma patologia, mas como uma variação, e para que não sejam submetidas, após o parto, a cirurgias ditas “reparadoras”, que as mutilam e moldam órgãos genitais que não necessariamente concordam com suas identidades de gênero ou orientações sexuais. O termo Hermafrodita é considerado desatualizado e depreciativo, devendo ser evitado, sendo, assim, a palavra apropriada é Intersexual para se referir a tais pessoas (REIS, 2018).





Lésbica

Pessoa que se identifica como sendo do gênero feminino (cis ou trans) e que tem desejos, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com outras pessoas também do gênero feminino (cis ou trans). Terminologia utilizada para designar a orientação sexual da homossexualidade feminina. A pessoa que se identifica como lésbica não precisa ter tido, necessariamente, experiências sexuais com outras mulheres (GÊNERO, 2009).



LGBT

Sigla para lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais. A sigla passou por algumas modificações desde o seu surgimento e pode ser encontrada com o acréscimo de letras formando outros acrônimos, como LGBTIQ, que inclui pessoas intersexos e identidades queer (NASCIMENTO, S.D). Com o objetivo de abranger outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero o símbolo + é acrescentado à sigla LGBT, formando outras variações (LGBT+, LGBTI+, LGBTQI+, dentre outras).

SE LIGA NA DICA!

Não revele a orientação sexual ou identidade de gênero de uma pessoa sem a permissão dela, caso esta pessoa não seja autodeclarada LGBT+! O ato de revelar a orientação sexual ou identidade de gênero de uma pessoa seja ela lésbica, gay, travesti, transexual, dentre outras múltiplas identidades, também é conhecido pela expressão da língua inglesa outing. A decisão de sair do armário (metáfora usada para dizer que alguém evita revelar sua orientação sexual ou sua identidade de gênero) é sempre pessoal. Cada pessoa que se identifica como LGBT+ ou que ainda está se questionando sobre a sua identidade tem sua história e seu processo de aceitação que devem ser respeitados.

LGBTfobia

A LGBTfobia pode ser definida como o medo, a aversão, ou o ódio irracional às pessoas que manifestem orientação sexual ou identidade/expressão de gênero diferente dos padrões heteronormativos, mesmo pessoas que não são LGBT+, mas são percebidas como tais. É o preconceito e sentimento de repulsa em relação às pessoas LGBT+ que transpassa o caráter individual e psicológico e atinge uma dimensão social e política como dispositivo de vigilância das fronteiras de gênero. É uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irreduzível, ele é posicionado a distância, fora do universo comum dos humanos (BORRILLO, 2010). A LGBTfobia consiste em um problema social e político dos mais graves, mas que varia de intensidade e frequência, de sociedade para sociedade. Tem sido um conceito guarda-chuva, utilizado para descrever um variado leque de fenômenos sociais relacionados ao preconceito, à discriminação e à violência contra pessoas LGBT+. Na maior parte das vezes, os fenômenos da intolerância, do preconceito e da discriminação em relação a gays (homofobia), lésbicas (lesbofobia), bissexuais (bifobia) e travestis e transexuais (transfobia) devem ser tratados não com terapia e antidepressivos, como no caso das demais fobias, mas sim com a punição legal e a educação (ABGLT, 2010 citado por REIS, 2018).





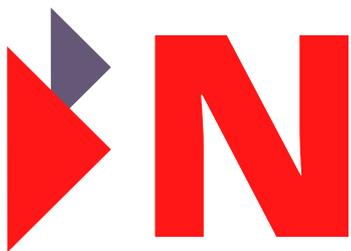
Movimento Feminista

Movimento social, político e filosófico que defende a equidade de direitos de todas as pessoas, independente de gênero, sexo, raça, classe social, religião, tanto no âmbito da legislação (plano normativo e jurídico), quanto no plano da formulação de políticas públicas que ofereçam serviços e programas sociais de apoio, principalmente, às mulheres. O feminismo é uma proposição dialética que implica em perceber a pluralidade e não uma nova forma de dominação (adaptado de GÊNERO, 2009).

Movimento LGBT

Movimento social e político que agrega diferentes sujeitos políticos – lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, intersexos, dentre outras pessoas das múltiplas identidades de gênero e orientações sexuais – em favor de direitos de livre orientação sexual e de expressão das identidades de gênero. Atua através de intervenção no âmbito da legislação e da formulação de políticas públicas, bem como por meio de ações que procuram visibilizar essa população e suas demandas e desconstruir preconceitos fortemente arraigados no social (GÊNERO, 2009).





Nome social

Nome pelo qual a travesti, a pessoa transexual ou de qualquer outro gênero se identifica e prefere ser identificada, independentemente do nome que consta na certidão de nascimento e/ou enquanto o seu registro civil não é adequado à sua identidade de gênero. O nome social, mais do que a forma como a pessoa se reconhece e é conhecida no ambiente social em que vive e se relaciona, é uma característica constitutiva de sua identidade de gênero que deve ser respeitada, com base no fundamento constitucional da dignidade da pessoa humana (adaptado de Reis, 2018 e Nascimento, s.d.).

SE LIGA NA DICA!

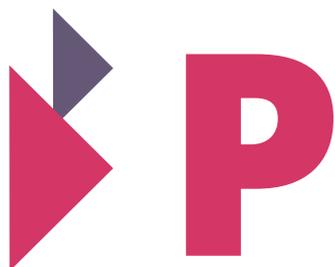
Sempre chame a pessoa trans ou de qualquer outra identidade de gênero pelo seu nome social. Se não souber, pergunte!





Orientação sexual

Refere-se ao desejo sexual, emocional e/ou afetivo de cada pessoa por indivíduos do sexo oposto, do mesmo sexo, de ambos os sexos ou independente do sexo. As pessoas são geralmente classificadas como heterossexuais, homossexuais, bissexuais, mas há ainda as categorias de assexuais, pansexuais, dentre outros tipos existentes (adaptado de GÊNERO, 2009 e Nascimento, s.d.).



Pansexual

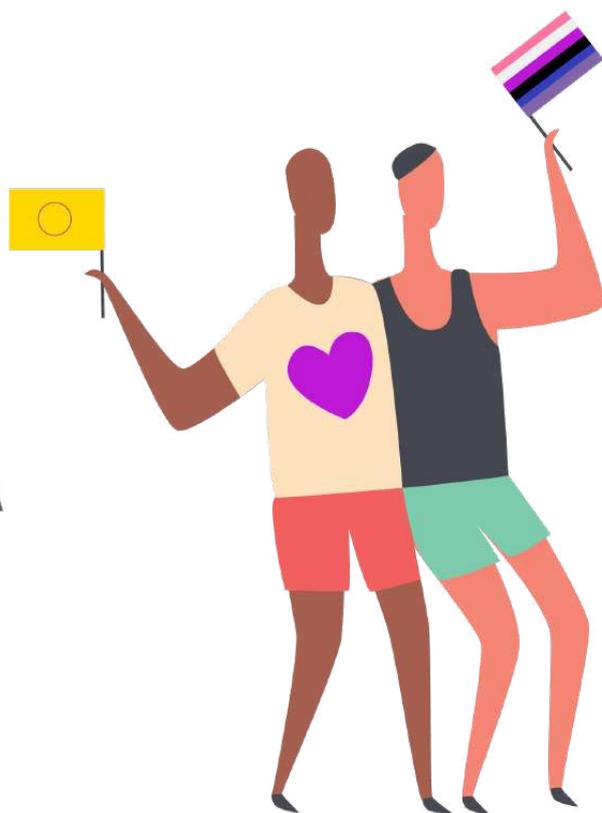
São pessoas que podem desenvolver atração física, afetiva, emocional e desejo sexual por outras pessoas, independente de sua identidade de gênero ou do seu gênero que lhe foi atribuído compulsoriamente ao nascimento. A pansexualidade é uma orientação sexual, assim como a heterossexualidade, a homossexualidade, a bissexualidade, dentre outras múltiplas orientações. O prefixo pan vem do grego e se traduz como "tudo". A pansexualidade é uma orientação que rejeita especificamente a noção de dois gêneros e até de orientação sexual específica (REIS, 2018).





Queer

Palavra inglesa que originalmente significava “estranho”, usada de forma pejorativa e que foi reapropriada por militantes e estudiosos como símbolo da não conformação a estereótipos de sexo, gênero e orientação sexual. A teoria queer e os militantes queer criticam a fixidez (ou essencialismo) das identidades, quer sejam elas hetero ou não heterossexuais, cis ou transgêneros (NASCIMENTO, S.D).

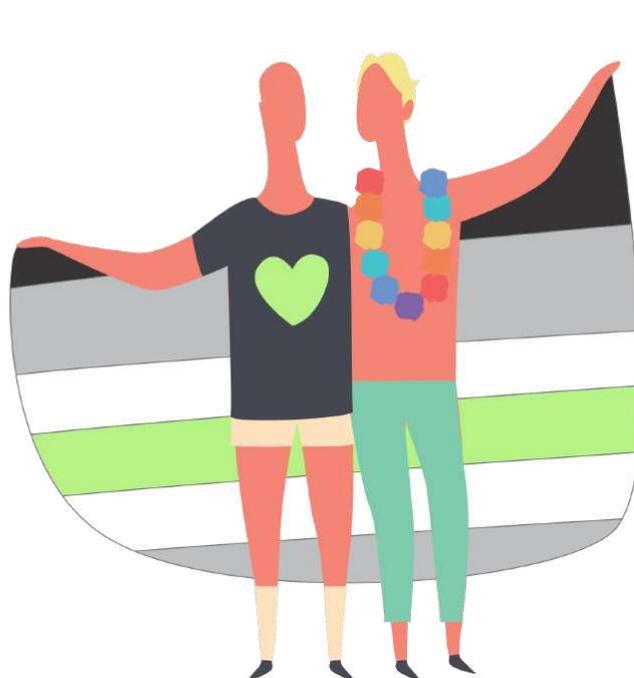




Sexo biológico

O sexo tido como biológico, em termos simples, refere-se às características biológicas que a pessoa tem ao nascer com base nas diferenças cromossômicas (XX e XY, dentre outras variações), órgãos genitais, composição hormonal (que pode influenciar na distribuição dos pelos, massa muscular, voz, menstruação, etc), capacidade reprodutiva, entre outros.

Em um primeiro momento, isso infere que a pessoa pode nascer macho, fêmea ou intersexual. Não há gênero no sexo tido como biológico em si, o que existe é uma expectativa social de gênero em relação ao corpo/genital (adaptado de Reis, 2018 e Nascimento, s.d.).





Transexual

É a pessoa que tem outra identidade de gênero diferente daquela atribuída ao nascimento e que deseja ser reconhecida como pertencente a um dos dois gêneros binários (mulher ou homem), podendo ou não, para isso, fazer a cirurgia de redesignação sexual (antigamente chamada de “cirurgia de mudança de sexo”) ou outras intervenções cirúrgicas e de tratamento hormonal (NASCIMENTO, S.D).



Transgênero ou "trans"

É a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído compulsoriamente ao nascimento. São pessoas cuja identidade de gênero transcende as definições convencionais de sexualidade. Esta terminologia também é utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros englobando travestis, transexuais e outras expressões de gênero que se diferencie do cisgênero (adaptado de Reis, 2018 e Nascimento, s.d.).

SAIBA MAIS!

Qual pronome e artigo usar?
Com relação a pronomes e artigos, as pessoas, independente de sua identidade de gênero, devem ser tratadas de acordo com o gênero com o qual se identificam. Em geral, utilize o pronome ou o artigo no feminino para mulheres cis ou mulheres trans e o pronome ou o artigo no masculino para homens cis ou homens trans. Se você não tem certeza quanto ao gênero da pessoa, especialmente no caso de transgêneros não binários, pode perguntar, respeitosamente, como esta pessoa prefere ser tratada ao conversar ou se referir a ela. Outra sugestão é procurar não fazer essa pergunta como se fosse algo constrangedor, sussurrando ou chamando de lado. Pergunte de forma natural. (NASCIMENTO, S.D)

Travesti

É a pessoa que tem outra identidade de gênero diferente daquela atribuída ao nascimento, mas que não necessariamente se identifica com os gêneros binários: homem e mulher. Ainda que não seja um consenso, muitas vezes se diferencia a pessoa travesti da pessoa transexual, pela travesti não desejar ser reconhecida como mulher ou como homem, assim, ela é, geralmente, pessoa que vivencia papéis tidos como do gênero feminino, mas não se reconhece com os tais gênero citados, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero. As pessoas travestis podem modificar seus corpos por meio de hormonioterapias, aplicações de silicone e/ou cirurgias plásticas, porém, vale ressaltar que isso não é regra para todas. A denominação travesti é mais antiga que transexual ou transgênero e muitas vezes aparecem nas falas mais carregadas de preconceito do que estas duas últimas. Atualmente, o termo travesti adquiriu um teor político de ressignificação de um termo historicamente tido como pejorativo (adaptado de Reis, 2018 e Nascimento, s.d.).





Não vacile para não reproduzir preconceito!



O correto é orientação sexual e NÃO “opção sexual”! Não se utiliza a expressão “opção sexual” por não se tratar de uma escolha. Assim como ninguém opta por ser heterossexual, ninguém opta por nenhuma outra manifestação da sexualidade, conscientemente. A expressão “opção sexual” dá a falsa ideia de que pessoas não heterossexuais escolheram contrariar o que é tido como norma ou normal, e geralmente essa expressão serve a fins moralistas (NASCIMENTO, S.D.).

E piadas sobre pessoas LGBTQ+, podem? Piadas devem ser evitadas, assim como comentários aparentemente espirituosos, brincadeiras ou qualquer outra manifestação humorística envolvendo a sexualidade ou a identidade de gênero das pessoas. Todas estas manifestações estão historicamente carregadas de preconceito e discriminação, sendo, portanto uma das formas mais comuns de violência simbólica e sua reprodução somente reforça e reproduz a opressão. Caso presencie, ajude a/o colega a refletir sobre o que foi dito, por meio do diálogo!



Pessoas que não se identificam como heterossexuais podem demonstrar carinho em público? Podem SIM, da mesma forma que pessoas em relacionamento heterossexual também. Expressar afeto em público é um direito de todas as pessoas e as leis devem ser aplicadas de forma igualitária (REIS, 2018).

Quanto ao banheiro e/ou vestiário é um direito da pessoa utilizar aquele de acordo com a sua identidade de gênero. Se a pessoa se apresenta e se identifica como mulher, deve usar o banheiro/vestiário feminino, se a pessoa se apresenta e se identifica como homem, deve usar o banheiro/vestiário masculino, sendo ela trans ou cis (REIS, 2018).



As siglas (LGBT, LGBTQ, LGBTI, LGBTQ+, etc) e outras terminologias estão em constantes mudanças no intuito de abranger a multiplicidade das sexualidades e identidades de gênero para que todas as pessoas se sintam representadas, visibilizadas e tenham seus direitos respeitados. Na dúvida de como tratar a pessoa, pergunte como ela gostaria de ser identificada. Portanto, não se preocupe em tentar memorizar a lista das diversas identidades. O respeito ao usar os termos que as pessoas preferem e o reconhecimento de sua existência é o que mais importa!

UNIDADE 2

Gênero e EPT: uma linha do tempo em processo



Uma linha do tempo é traçada nesta Segunda Unidade onde são apresentados momentos históricos, desde 1909 a 2019, relacionados à diversidade sexual e de gênero durante o surgimento e fortalecimento da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Fazemos uma breve contextualização da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, destacando o surgimento do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG) e ressaltando histórias ligadas às personalidades LGBTQ+ que deixaram suas marcas no mundo, a trajetória de luta por direitos e ampliação da cidadania desta população e, ainda, são indicados filmes, curtas, páginas de internet e outras mídias que abordam a temática da identidade de gênero e orientação sexual emergidos em cada momento da linha.

História da Rede e do IFNMG entre marcos da diversidade sexual e de gênero

Na Rede Federal...

Escola de Aprendizes e Artífices



1909

No dia 23 de setembro o presidente Nilo Peçanha assinou o Decreto 7.566, criando inicialmente 19 Escolas de Aprendizes Artífices subordinadas ao Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio que ofereciam ensino profissional, primário e gratuito.

Lota de Macedo Soares (1910-1967)

Arquiteta-paisagista e urbanista brasileira, Lota de Macedo Soares, foi responsável pelo projeto de urbanização dos aterros do Flamengo e Botafogo. Lota viveu muitos anos com a poetisa Elizabeth Bishop, romance lésbico retratado no filme Flores Raras. Link do filme: <https://www.youtube.com/watch?v=uYOKBu1rVtE>

(Não recomendado para menores de 14 anos.)

1910



Alan Turing (1912-1954)



1912

Matemático inglês e cientista da computação que desenvolveu um papel importante na formalização do algoritmo e a base dos estudos sobre inteligência artificial. Turing foi processado, condenado e preso por ser gay. Sua história é retratada no filme "O Jogo da Imitação". Link do filme: tinyurl.com/tbv2lam
(Não recomendado para menores de 12 anos)

Diferente dos outros



1919

Considerado o primeiro longa-metragem sobre a homossexualidade, o filme alemão "Diferente dos Outros" conta um romance entre dois homens. Foi produzido e escrito por Richard Oswald e Magnus Hirschfeld. Magnus, que interpreta ele mesmo no filme, foi um importante médico alemão e militante da causa homossexual.

Liceus Profissionais

Uma nova Constituição era promulgada tratando, pela primeira vez, do ensino técnico, profissional e industrial. Neste ano também é assinada a Lei 378, que transformou as Escolas de Aprendizes e Artífices em Liceus devido à reestruturação no Ministério da Educação e Saúde.

Enquanto isso, na Rede Federal...

1937



Enquanto isso, na Rede Federal...

1942

Escolas Industriais e Técnicas

Os Liceus são transformados em Escolas Industriais e Técnicas pelo Decreto 4.127, de 25 de fevereiro, passando a oferecer a formação profissional e técnica equiparada ao nível médio.

Marsha P. Johnson (1945-1992)

Um dos ícones do movimento homossexual da década de 1960, ativista, mulher trans, negra e drag queen, Marsha foi uma das líderes da Revolta de Stonewall, em 1969, ao lado da também ativista trans Sylvia Rivera. A história de Marsha é retratada no documentário "A Morte e a Vida de Marsha P. Johnson" que destaca as circunstâncias sobre sua morte (filme não recomendado para menores de 14 anos).

1945



Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH)

A DUDH, adotada pela Organização das Nações Unidas, traz em seu artigo 2º o seguinte texto “Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

1948

DECLARAÇÃO
UNIVERSAL
DOS DIREITOS
HUMANOS

Adoptada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948



Laerte



1951

A Laerte Coutinho nasceu em 1951, em São Paulo. Cartunista, roteirista, ativista, mulher trans que até os 57 anos de idade se identificava no masculino. O documentário Laerte-se conta um pouco da trajetória e descobertas de suas identidades e nos leva a refletir sobre questões de gênero. (Não recomendado para menores de 14 anos)

Escolas Técnicas Federais

As Escolas Industriais e Técnicas são transformadas em autarquias com o nome de Escolas Técnicas Federais, com autonomia didática, técnica, financeira e administrativa. Cursos técnicos foram criados e autorizado o início da formação técnica de nível superior.

Enquanto isso, na
Rede Federal...

1959



A Revolta de Stonewall

Em 28 de junho a polícia de Nova York (EUA) tenta interditar o bar Stonewall Inn, situado na Christopher Street, movimentada rua da região boêmia frequentada pelo público LGBTQ+. A opressão policial era recorrente naquela época já que não ser heterossexual era considerado crime em muitos estados norte-americanos. Na ocasião daquela noite, frequentadores da região do bar Stonewall Inn reagiram atirando pedras e garrafas em direção aos policiais. O evento que foi conhecido como A Revolta de Stonewall é considerado um dos símbolos da luta LGBTQ+ e marco importante para a construção da noção de orgulho. O dia 28 de junho passou a ser consagrado como o "Dia do Orgulho LGBTQ+". O documentário A Revolta de Stonewall retrata o contexto desse acontecimento.

Link do documentário: tinyurl.com/vn8kqtl (Não recomendado para menores de 10 anos.)

1969



Dzi Croquettes

O grupo teatral Dzi Croquettes surgiu no Rio de Janeiro liderado pelo coreógrafo Lennie Dale. Fez sua primeira apresentação de dança e humor em 1972, período demarcado pelo auge da ditadura militar. Formado por homens que usavam roupas ditas femininas e que misturavam purpurinas, meias de futebol, saltos altos, barbas, peitos e pernas cabeludas. A frase "Nem homem. Nem Mulher. Gente" abria um dos espetáculos dos Dzi Croquettes e traduz as transgressões normativas provocadas pelo grupo. A trajetória do grupo é retratada no documentário Dzi Croquettes.

Link do documentário: tinyurl.com/w3r6ezq
(Não recomendado para menores de 10 anos)

1972



Centros Federais de Educação Tecnológicas (CEFETS)

As Escolas Industriais e Técnicas são transformadas em autarquias com o nome de Escolas Técnicas Federais, com autonomia didática, técnica, financeira e administrativa. Cursos técnicos foram criados e autorizado o início da formação técnica de nível superior.

Enquanto isso, na Rede Federal...

1978



Primeira Onda do Movimento Político Homossexual no Brasil

Em pleno período de Ditadura Militar, inicia-se a primeira onda do movimento político homossexual no Brasil marcado pela fundação do Grupo Somos, em São Paulo. Ainda neste ano, foi publicado o primeiro exemplar do Jornal Lâmpião da Esquina que abordava temas políticos e afins, principalmente relacionados à defesa da homossexualidade (SIMÕES e FACCHINI, 2009).

1978



Segunda Onda do Movimento Político Homossexual no Brasil

Durante a redemocratização do Brasil e a eclosão da epidemia do Hiv-Aids, surgem organizações importantes para as conquistas de direitos civis e a luta contra a homofobia como o grupo Triângulo Rosa (1985 a 1988); Grupo Gay da Bahia (1980 atuante até o presente ano de 2020); e o grupo Atobá (1986) (SIMÕES e FACCHINI, 2009).

1980



Ativismo Lésbico

Surgimento do Movimento Lésbico-Feminista (MLF) formado por dissidentes do grupo Somos para tratar de questões políticas referentes às mulheres lésbicas e feministas. O MLF muda de nome e passa a se chamar Grupo Lésbico-Feminista (GLF) e, posteriormente, Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF).

1980



Lançamento do Primeiro Boletim Chanacomchana

O MLF lança seu primeiro boletim chamado Chanacomchana que falava sobre questões lésbicas efeministas e circulou ao longo da década de 1980 (SIMÕES e FACCHINI, 2009).

Acesse e veja um dos boletins do Chanacomchana:
tinyurl.com/wun3pdw

1981



Despatologização da Homossexualidade no Brasil

1985



O Conselho Federal de Medicina do Brasil passa a desconsiderar o artigo 302.0, da Classificação Internacional de Doenças (CID), que tratava como doença e definia a homossexualidade como desvio e transtorno sexual.

Constituição Federal de 1988

Promulgada a Constituição Federal de 1988 definindo em seu artigo 3º, inciso IV, que um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil é “Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”.

Disponível em: tinyurl.com/czskwlv

1988



Terceira Onda do Movimento Político Homossexual no Brasil

1992



"Terceira onda" impulsionada pela multiplicação de grupos ativistas e parcerias de muitos destes grupos com o Estado, como a fundação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), em 1995. Marcado também pela consolidação da presença de novos sujeitos no movimento, promovendo a designação atual de movimento LGBT dentre outras siglas afins. As Paradas do Orgulho LGBT se consagram em todo território brasileiro (SIMÕES e FACCHINI, 2009).

Primeira parada do orgulho LGBT

Primeira edição da Parada do Orgulho LGBT no Brasil, realizada na cidade de São Paulo

Minha vida em cor de rosa

Este filme europeu conta a história de Ludovic, uma criança que é vista pela família e comunidade como um menino, mas de forma consistente comunica ser uma menina trans que está começando a assumir sua identidade perante a sociedade. Além de se identificar como uma menina, Ludovic sonha em se casar com o filho da vizinha. O filme aborda os conflitos da família de Ludovic ao lidar com a sua identidade considerada transgressora de gênero. (Não recomendado para menores de 14 anos)

1997



Lançamento do Programa Brasil Sem Homofobia

A partir de uma série de discussões entre o Governo Federal e a sociedade civil organizada foi lançado, em 2004, o Programa Brasil Sem Homofobia que foi o primeiro programa governamental específico para a população LGBT. O objetivo do programa era promover a cidadania e os direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), a partir da equiparação de direitos e do combate à violência e à discriminação.

2004



Lei Maria da Penha

A Lei nº 11.340, de 07 de agosto (Lei Maria da Penha) cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. A lei também pode ser aplicada em caso violência doméstica e familiar entre mulheres que mantenham relação afetiva.

Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm

2006



Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia

O presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva sancionou o projeto de Lei 11.892 promulgado no dia 29 de dezembro que reconfigura a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, criando 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia espalhados por todos os estados do Brasil.

Criação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG) mediante a junção do Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica de Januária (CEFET-Januária) e da Escola Agrotécnica Federal de Salinas (EAF-Salinas).

Enquanto isso, na Rede Federal...

2008



1ª Conferência Nacional GLBT

Intitulada “Direitos Humanos e Políticas Públicas: O caminho para garantir a cidadania de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais”. A 1ª Conferência Nacional GLBT sinalizou a construção de propostas para ampliação de políticas públicas para LGBT+em níveis estadual e municipal.

2008



Processo Transexualizador

Instituído o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde por meio da Portaria nº 1.707/GM/MS, de 18 de agosto e da Portaria nº 457/SAS/MS, de 19 de agosto. Em 19 novembro de 2013 foi publicada a Portaria nº 2.803 que redefiniu e ampliou o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde - SUS.

Portaria nº 2.803 disponível em:
bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html



Lançamento do Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos LGBT (PNPCDH/LGBT)

O plano reuniu as proposições da 1ª Conferência Nacional GLBT e teve como objetivo orientar a construção de políticas públicas de inclusão social e de combate às desigualdades para a população LGBT+, primando pela intersetorialidade e transversalidade na proposição e implementação dessas políticas.

2009



Nome Social ao Usuário do SUS

Portaria nº 1.820/2009 do Ministério da Saúde estabelece que o nome social e à identidade de gênero do usuário do serviço do Sistema Único de Saúde seja respeitado.

Disponível em:

bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt1820_13_08_2009.html



2009



RuPaul's Drag Race

Estreia nos Estados Unidos a série televisiva em formato de reality show de competição entre drag queens. Idealizado e apresentado por RuPaul Charles, ator, drag queen, modelo, autor e cantor americano, o programa RuPaul's Drag Race tem como uma das premissas básicas apresentar a cultura e o universo drag para o público. (Não recomendado para menores de 14 anos)

Campus do IFNMG em Almenara, Arinos, Montes Claros e Pirapora

Portarias MEC nº 108, 113 e 11, de 29 de de janeiro, autorizam o funcionamento, respectivamente, dos *campi* Almenara, Arinos e Araçuaí; e Portaria MEC nº 1.366, de 06 de dezembro, autoriza o funcionamento dos *campi* Montes Claros e Pirapora.

Enquanto isso, na Rede Federal...

2010



Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de LGBT

Criado Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (CNCD/LGBT).

2010



2ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Direitos Humanos de LGBT

A 2ª Conferência Nacional LGBT teve como objetivo central analisar as ações realizadas e avaliar seus resultados, bem como propor estratégias para o seu fortalecimento e diretrizes para a implementação de políticas públicas no combate à discriminação e a promoção da cidadania de LGBT.

Reconhecimento da União Estável

Reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo gênero, também chamada no âmbito jurídico de união homoafetiva, em julgamento do STF da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4277 e a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 132.

2011



Política Nacional de Saúde Integral de LGBT

Portaria nº 2.836/2011 institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral de LGBT.

Portaria nº 2.836/2011 disponível em:

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2836_01_12_2011.html

2011



Tomboy

O filme francês estreou no Brasil em 2012 e conta a história de Laure (Zoé Héran) que é uma criança de dez anos designada ao nascer com o sexo feminino, mas que se identifica como menino. A família se mudou há pouco tempo e, com isso, não conhece os vizinhos. Devido seu cabelo curto, sua maneira de vestir e comportamento tido como masculino as crianças da nova vizinhança trata a criança como um garoto. Laure, então, se aproveita disso para se apresentar como Mickael. O filme lida com a construção da identidade e papéis de gênero na infância e as dificuldades das relações entre crianças e pais nesse processo.

(Não recomendado para menores de 10 anos)



2012

Aprovado o Casamento Civil entre pessoas do mesmo gênero



2013

Casamento civil entre pessoas do mesmo gênero, aprovado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), respectivamente por meio da Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013.

Disponível em:

<https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/1754>

IFNMG - Centro de Referência em Educação a Distância e Projetos Especiais

Resolução Consup nº 36, de 30 de outubro, cria o Centro de Referência em Educação a Distância e Projetos Especiais do IFNMG.

Enquanto isso, na Rede Federal...

2014



Nome Social no ENEM

Permissão do MEC para pessoas transexuais e travestis poderem solicitar o uso do nome social no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Hoje Eu Quero Voltar Sozinho

Filme brasileiro, baseado na curta-metragem *Eu Não Quero Voltar Sozinho*, que conta a história de Leo (Ghilherme Lobo) um adolescente cego, que tenta lidar com a mãe superprotetora ao mesmo tempo em que busca sua independência. Quando Gabriel (Fabio Audi) chega à cidade, novos sentimentos começam a surgir em Leo, fazendo com que ele descubra mais sobre si mesmo e sua sexualidade.

Link do curta-metragem:

<https://www.youtube.com/watch?v=1Wav5KjBHbl>

Classificação indicativa: não recomendado para menores de 12 anos.

2014



Margarita Com Canudinho

Neste filme indiano é contada a história de Laila (Kalki Koechelin) que é uma jovem indiana e que tem paralisia cerebral. Ao lado de sua mãe (Revathy), ela deixa seu país para estudar na Universidade de Nova York. Sem fé no amor após ter sido rejeitada por um colega, ela se envolve em um relacionamento com uma jovem ativista (Sayani Gupta) e embarca em uma jornada de descobertas.

Classificação indicativa: não recomendado para menores de 12 anos.

2014



Enquanto isso, na Rede Federal...



2015

IFNMG - *Campus Avançado* Janaúba

Portaria MEC nº 27, de 21 de janeiro, autoriza o funcionamento do *Campus Avançado* Janaúba.

Merlí

A série espanhola Merlí traz o professor de filosofia homônimo que leciona no Ensino Médio. Merlí é um professor recém-chegado na escola que adota uma posição radicalmente alheia à escola tradicional quebrando regras por meio de um discurso que busca provocar a reflexão emancipatória das/os alunas/os. Em diversos momentos da série, Merlí coloca-se como mediador nas temáticas sobre diversidade sexual e de gênero e mais que lecionar, ele ajuda suas/seus alunas/os a enfrentarem situações da vida, passando a conhecer a realidade de cada uma/um.

Classificação indicativa: não recomendado para menores de 12 anos.

2015



Ellora

O canal do youtube é apresentado pela criadora de conteúdo digital Ellora Haonne. A influenciadora digital, que se declara bissexual, aborda temas relacionados a comportamento, produzindo vídeos sobre temas como feminismo, relacionamentos abusivos, amor livre, amor próprio e quebra de padrões.

Link do canal: <https://www.youtube.com/user/ElloraHaonne>

Tempero Drag

O Tempero Drag estreou como programa de culinária on-line apresentado pela drag queen Rita Von Hunty, persona de Guilherme Terreri Lima Pereira. Guilherme é professor e ator formado em artes cênicas e letras. Inicialmente, o canal do youtube, falava sobre comidas veganas, além de outros temas como cultura drag. Adquirindo um novo formato com o decorrer do tempo, o programa da Rita passa a ganhar destaque ao mudar o foco para assuntos sobre política, abordando temas como comunismo, LGBTfobia, consciência de classes, feminismo, dentre outros.

Link do canal:

<https://www.youtube.com/channel/UCZdJE8KpuFm6NRafHTEIC-9>

IFNMG - *Campus Diamantina,* *Campus Teófilo Otoni e Campus* *Avançado Porteirinha*

Portaria MEC n° 378, de 09 de maio, autoriza o funcionamento dos *campi* Diamantina, Teófilo Otoni e *Campus* Avançado Porteirinha.

Enquanto isso, na
Rede Federal...

2016



3ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Direitos Humanos de LGBT

A 3ª Conferência Nacional LGBT teve como tema “Por um Brasil que criminalize a violência contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais”. Foram aprovadas propostas e menções para o fortalecimento de políticas públicas voltadas para o segmento LGBT em todo o país, incluindo a regulamentação sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional.

2016



Nome Social e o Reconhecimento da Identidade de Gênero na Administração Pública Federal

Decreto nº 8.727, de 28 de abril dispõe sobre o direito ao uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis ou transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8727.htm

2016



Amor Por Direito

O filme estreou no Brasil em 2016 e é baseado em fatos reais. O longa narra o caso da policial Laurel Hester (Julianne Moore) e a mecânica Stacie Andree (Ellen Page) que travam uma batalha para assegurar que Stacie receba os benefícios da pensão de sua esposa, só que as autoridades se recusam a reconhecer a relação afetiva entre elas.

Classificação indicativa: não recomendado para menores de 12 anos.

2016



Hora Queer

O podcast Hora Queer, antes chamado de HQ da Vida, fez sua primeira transmissão em 2016. A intenção inicial era contar histórias de LGBTs, porém ao longo dos anos sua pauta foi se abrindo e interseccionando, predominando temáticas sobre política com um foco anticapitalista, anti-imperialista, feminista, antirracista e anti-LGBTfóbico. O idealizador e apresentador do programa Danilo Lima Carreiro também é drag queen, youtuber e professor do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais. Em seu canal do youtube Doutora Drag o programa é apresentado pela drag queen Dimitra Vulcana e tem como objetivo falar sobre política de forma didática e reflexiva.

Link do podcast:

https://www.spreaker.com/show/hq-da-vida_1

2016



10 Anos do IFNMG

O IFNMG completa 10 anos de existência. Nesse ano, a Resolução Consup n° 02, de 07 de fevereiro, define como unidade de ensino o Centro de Referência em Formação e Educação a Distância.

2018



Nome Social e o Reconhecimento da Identidade de Gênero no Registro Civil

Pessoas transgêneras que desejam alterar o nome e gênero de nascimento em seu registro civil passa a ter este direito garantido por decisão do Supremo Tribunal Federal no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4275 e regulamentado pelo Conselho Nacional de Justiça.

Disponível em:

<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=371085>



2018

Me Chame Pelo Seu Nome

O filme narra os acontecimentos de uma temporada de férias na vida do adolescente Elio (Timothée Chalamet) na casa de campo da família no norte da Itália em 1983. Lá, o pai dele, especialista em cultura grego-romana, recebe o acadêmico Oliver (Armie Hammer), que viaja para ajudá-lo em sua pesquisa. Aos poucos, Elio e Oliver vão se aproximando um do outro e iniciam uma relação amorosa escondida, despertando sentimentos ainda desconhecidos para o jovem Elio.

Classificação indicativa: não recomendado para menores de 14 anos.

Amiel

O minidocumentário Amiel conta a história do ativista LGBTQ+ que luta pela visibilidade da população intersexual. Amiel Modesto Vieira descobre sua intersexualidade apenas aos 33 anos de idade, quando, ao encontrar uma carta do Hospital das Clínicas de São Paulo, descobre o segredo sobre sua condição mantido por seus pais.

Link do documentário:

<https://globosatplay.globo.com/assistir/canal/curtas/v/7468453>

Classificação indicativa: livre.



2019



Criminalização da Homofobia e Transfobia

Supremo Tribunal Federal (STF) aprova a equiparação da homofobia e a transfobia aos crimes de racismo (Lei 7.716/1989) até que o Congresso Nacional edite lei específica sobre a matéria, conforme julgamento realizado pelo STF da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) 26.

Disponível em:

<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010>

2019



110 Anos da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica

Com 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia; dois centros federais de educação tecnológica (Cefet); 22 escolas técnicas vinculadas às universidades federais; Colégio Pedro II; sendo no total 661 escolas espalhadas por 578 municípios do país, com a oferta de educação pública gratuita e de qualidade para milhares de estudantes, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica completa 110 anos.

Enquanto isso, na Rede Federal...

2019



UNIDADE 3

Práticas e reflexões sobre diversidade de gênero e sexual na escola



Busca-se nesta Terceira Unidade apresentar propostas educativas referentes à diversidade sexual e de gênero que subsidiem as práticas pedagógicas para a formação reflexiva e como sugestões de atividades que poderão ser realizadas com educadoras/es, estudantes, seus familiares, enfim, todas as pessoas interessadas na construção de um mundo mais justo e solidário. As propostas visam, por meio da cooperação, da solidariedade e do respeito, desvelar a ordem que coloca as identidades sexuais e de gênero como normal, estável e limitante das possibilidades de vivências e experiências relacionadas às questões de gênero e sexualidade e estimular o debate para enfrentamento da LGBTfobia.



PROPOSTA 1

AÇÃO-REFLEXÃO-AÇÃO

Entendendo a Heteronormatividade e a Cisnormatividade



Objetivo:

Identificar, buscando compreender, comportamentos que de alguma forma ditam as fronteiras estabelecidas pela heteronormatividade e cisnormatividade



Material:

livros (incluindo didáticos), revistas, filmes, papel, lápis ou caneta, quadro, pincel anatômico e apagador.



Tempo recomendado: 120 minutos

Procedimentos:

1 Percorrer pela escola, fazendo um tour pela biblioteca, banheiros, corredores, quadras e salas, observando e analisando os livros e revistas da biblioteca, as placas de identificação dos banheiros, as atitudes e comportamentos das pessoas (estudantes, pessoal do administrativo, pessoas do serviço terceirizado, pessoal da gestão e docentes). Analisar as demarcações de gênero e sexualidade presente nestes ambientes e materiais e seguir o roteiro do procedimento seguinte.

2 Roteiro para observação e anotações em papel:

a) Como as figuras de homens e mulheres são representadas nos livros e revistas da escola? O que leva a compreender que estas figuras são homens e mulheres (corpos, vestimentas, nome, comportamentos, etc)?

b) Você percebe a presença de figuras não cisgêneras nos livros e revistas da escola? É maioria, minoria ou inexistem? Caso afirmativo da presença, como são retratadas? São estereotipadas?

c) Como são representados os relacionamentos afetivos? Você percebe a presença de relacionamentos não heterossexuais (lésbicas, gays, bissexuais, pansexuais, demais orientações sexuais) nos livros e revistas da escola? É maioria, minoria ou inexistem?

d) Como os arranjos familiares são representados? Existem outras composições de famílias que não seja formado por um casal heterossexual com filhas (os)? Caso não reconheça outras composições, reflita sobre esta ausência nos livros e revistas, bem como nos demais materiais didáticos.

e) Os textos dos livros e revistas têm linguagem não sexista, ou seja, usam “ser humano” ou “pessoa humana” em vez de “homem”; “As pessoas idosas” em vez de “Os idosos”; “A juventude” em vez de “Os jovens”; “O eleitorado” em vez de “Os eleitores”; “A direção” ou “A diretoria” em vez de “Os diretores”; dentre outras expressões? Usam o masculino para se referir ao coletivo, mesmo havendo a presença feminina ou de outros gêneros?

f) No banheiro existem placas indicativas de gênero? Como são representadas as figuras?

g) Em livros, revistas, internet, filmes, novelas, séries e outras mídias, como são representados os relacionamentos afetivos e sexuais das personagens em geral?

h) Você se lembra de ter assistido algum filme com personagem LGBTQ+ em papel de protagonista?

i) Você considera importante a visibilidade e o reconhecimento de pessoas LGBTQ+ nas mídias, nos livros, revistas e demais materiais didáticos? Justifique.

j) Após o passeio pela escola e as reflexões anotadas, o que você entende por heteronormatividade e cisnormatividade?

3 Após o tour pela escola, convidar o grupo a se sentar em círculo.

4 Inicie uma conversa com o grupo que estimule a reflexão sobre o que é biológico ou natural e o que é social e cultural no que diz respeito aos nossos comportamentos.

5 Em seguida, distribuir uma folha com a pergunta-chave e instruir para que a responda.

6 Pedir para cada participante falar sobre as suas observações realizadas na atividade e dizer o que respondeu sobre a pergunta-chave.



Pergunta-chave para a discussão coletiva:

O que poderia ser feito para tornar a escola mais acolhedora para todas as pessoas que não se encaixam nos modelos cisnormativo e heteronormativo presentes na sociedade?



Sugestão de leitura:

Artigo:

JUNQUEIRA, R.D. Pedagogia do armário: a normatividade em ação. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/320>



PROPOSTA 2

AÇÃO-REFLEXÃO-AÇÃO

Superando o preconceito e a discriminação



Objetivo:

Discutir as questões do preconceito e discriminação que levam a LGBTfobia e refletir sobre as possibilidades de superá-las.



Material:

lápis e folha de papel contendo, cada uma, as assertivas descritas nos procedimentos; quadro e pincel anatômico; projetor multimídia; computador ou mídia removível para acesso ao material audiovisual.



Tempo recomendado: 45 minutos

Procedimentos:

1 Apresente dados estatísticos sobre a LGBTfobia:

Seguem alguns dados para fundamentação da/o facilitadora/or. Lembrando que outras pesquisas poderão ser apresentadas com a identificação da sua devida fonte:

Em 2009, a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) divulgou uma pesquisa encomendada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (MEC/INEP) na temática do Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar, foi realizada em 501 escolas de 27 estados, numa amostra de 18.599 respondentes, dentre elas pais, mães, diretoras/es e funcionárias/os de escola e estudantes. Nela constatou que 93,5% das pessoas entrevistadas possuem algum nível de preconceito relacionado ao gênero e mais de 80% têm preconceito relacionado à orientação sexual e ainda 98% das/os entrevistadas/os possuem algum nível de distância social para com os homossexuais (FIPE, 2009). Outra pesquisa que demonstra dados sobre opressão e rejeição a determinados gêneros na escola foi realizada pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) em parceria com o Ministério da Educação e Organização dos Estados Ibero-americanos para Educação, Ciência e Cultura (OEI) no ano de 2015. Os dados revelaram que a orientação sexual e a identidade de gênero é um dos principais alvos de preconceitos no ambiente escolar: 19,3% das/os estudantes responderam que não queriam ter como colega de classe pessoas homossexuais, transexuais, transgêneros e travestis; no ensino médio e entre os jovens do sexo masculino, essa ocorrência sobe para cerca de 31% (ABRAMOVAY, 2015). No ano de 2016, a Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) apresentou o relatório da Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2016 contendo experiências de violências sofridas por estudantes LGBT+. A pesquisa demonstrou que mais de 65% dos respondentes disseram terem sido agredidos verbalmente na escola devido a sua orientação sexual ou identidade/expressão de gênero. As agressões físicas referentes à orientação sexual foram relatadas por 27% das/os estudantes, enquanto 25% relatou a agressão devido a sua identidade/expressão de gênero.



2 Distribuir para cada participante uma folha contendo as seguintes assertivas:

a) A heterossexualidade é uma opção sexual assim como as demais orientações sexuais que são escolhidas conscientemente.

b) Creio que nenhuma pessoa deve ser discriminada por motivo algum.

c) Fazer piadas por meio de gozação, imitação, assovios e chacotas não são consideradas LGBTfobia, mas apenas brincadeiras, mesmo que seja ofensivo a alguém ou grupo de pessoas.

d) Se as pessoas heterossexuais podem manifestar carinho em público, as não-heterossexuais também podem.

e) Pessoas trans não deveriam utilizar o banheiro de acordo com a sua identidade de gênero.

f) Os direitos humanos não incluem direitos relacionados à nossa sexualidade.

g) Frases como "Não tenho preconceito, tenho até amigas/os que são GLS"; "Tudo bem ser gay, mas não precisa ser afeminado"; "Pode ser lésbica, mas não precisa se vestir como homem"; "Homem se depilar é muita viadagem"; "Bissexual é uma pessoa indecisa quanto a sua orientação sexual"; " Isso é moda, logo vai passar"; "Que desperdício você ser LGTB+"; "Quem é a mulher/homem da relação?"; "Aquela/aquele transexual até parece uma mulher/homem de verdade". São frases carregadas de preconceito e discriminação direcionadas às pessoas LGBTQ+ e devem ser eliminadas de nossos discursos.

h) Existem brincadeiras e esportes apropriados para homens e mulheres. Uma criança que brinca de boneca, por exemplo, ou é menina ou é gay.

i) Não estranharia ter uma/um professora/or travesti ou transexual. Estas pessoas podem ocupar qualquer profissão que quiserem.

j) A sexualidade, em geral, assim como a orientação sexual e as identidades de gênero, em particular, não é abordada na escola, a ponto de muitas/os jovens que não se incluem na norma heterossexual sentirem-se isoladas/os, excluídas/os e incompreendidas/os.

k) O casamento deveria ser somente para casais heterossexuais.

- l) A heteronormatividade contribui para ocorrência da LGBTfobia.
 - m) Pessoas LGBT+ devem fazer tratamento para corrigir seus comportamentos e desvios sexuais.
 - n) Prefiro uma/um filha/o criminosa/o a uma/um filha/o LGBT+.
 - o) O direito à cidadania deve ser ampliado a todas as pessoas, independente da identidade de gênero e orientação sexual.
- 3 Instruir, anotando no quadro, que para cada frase a/o participante deverá se posicionar, de acordo a sua opinião, escrevendo “Concordo”, “Discordo” e “Não sei”. Dar um tempo para que as pessoas reflitam e preencham a folha.
 - 4 Dividir a turma em pequenos grupos e solicitá-los para que façam uma discussão sobre as respostas e o que consideram ser LGBTfobia para que cada grupo construa uma definição para o termo.
 - 5 Reunir as/os participantes em círculo e solicitar que cada representante de grupo apresente a definição elaborada e escreva no quadro.
 - 6 Em seguida, pedir que cada pessoa comente como se sentiu com a atividade, se foi fácil ou não decidir em qual posição ficar, se conseguiram perceber seus níveis de preconceito e discriminação e como foi o debate em grupo para a definição de LGBTfobia.
 - 7 Para finalizar, solicitar que discutam o papel da escola para a transformação de uma sociedade mais justa e combativa as manifestações LGBTfóbicas.



Música para tocar:

Coloque o clipe da música “Flutua” de Johnny Hooker e Liniker (confira no link: <https://www.youtube.com/watch?v=mYQd7HsvWtI>). É interessante que se distribua a letra da música para o grupo acompanhar.



PROPOSTA 3

AÇÃO-REFLEXÃO-AÇÃO

Vamos nos movimentar?



Objetivo:

Contribuir para a ampliação do conhecimento da história do movimento feminista e movimento LGBTQ+ e refletir sobre a sua importância para a luta por direitos e cidadania ampla.



Material:

Quadro; pincel anatômico; folha de flip chart ou de cartolina.



Tempo recomendado: 60 minutos

Procedimentos:

- 1 Converse com a turma sobre movimentos sociais ligados às questões de gênero e sexualidade e sua importância histórica.
- 2 Divida a turma em grupos estabelecendo as seguintes temáticas para cada um: movimentos feministas; movimentos LGBTQ+ internacional; movimentos LGBTQ+ no Brasil.
- 3 Instrua para que cada equipe pesquise sobre os principais fatos e conquistas da história de cada movimento.

4 Em seguida, deverão produzir cartazes com textos e figuras referentes aos contextos pesquisados.

5 Solicitar que cada grupo apresente o seu cartaz e relate sobre a pesquisa.

6 Ao final das apresentações, abrir uma discussão, perguntando: Qual a importância dos movimentos sociais para a população LGBT+ e para a sociedade como um todo? Como a escola pode contribuir nestas lutas?

7 Os cartazes poderão ser afixados no mural da escola como um dos resultados da dinâmica.



Sugestão para a pesquisa:

Livros:

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SIMÕES, J. A.; FACCHINI, R. Na trilha do Arco-Íris: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

Documentário:

A Revolta de Stonewall

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cxSBW79yxjQ>

Podcast:

Hqpédia #08 – Lampião da Esquina produzido por Hora Queer + Doutora Drag. Disponível em:

<https://www.spreaker.com/user/halfdeaf/hqpedia-08-lampiao-da-esquina>



PROPOSTA 4

AÇÃO-REFLEXÃO-AÇÃO

Existências e Vivências



Objetivo:

Visibilizar histórias de vidas por meio de relatos de pessoas LGBTQ+ em suas experiências e vivências.



Material:

Papel, caneta, quadro, pincel anatômico, projetor multimídia, computador ou mídia removível para acesso ao material audiovisual.



Tempo recomendado: 60 minutos

Procedimentos:

- 1 Solicitar para que formem um círculo para discussão sobre os significados de termos relacionados às orientações sexuais e identidade de gênero presentes na sigla LGBTQ+.
- 2 Em seguida, informar, antes da exibição, qual filme/vídeo/programa que irão assistir/ouvir, qual o tema, quem o fez, por que será exibido/ouvido, duração, etc.
- 3 Exibir o documentário Amiel. Disponível em: <https://globosatplay.globo.com/assistir/canal/curtas/v/7468453>.

4 Após a exibição, pedir às/aos ouvintes/espectadoras/es que anotem sua opinião sobre a obra (conteúdo, linguagem), respondendo as perguntas: quais os temas abordados, o que chamou mais sua atenção, qual o sentimento diante o relato; como podemos relacionar o conteúdo apresentado com as questões de gênero, sexualidade, mundo do trabalho, raça/etnia, cidadania.

5 Fazer, depois, uma plenária para extrair as conclusões individuais e coletivas.

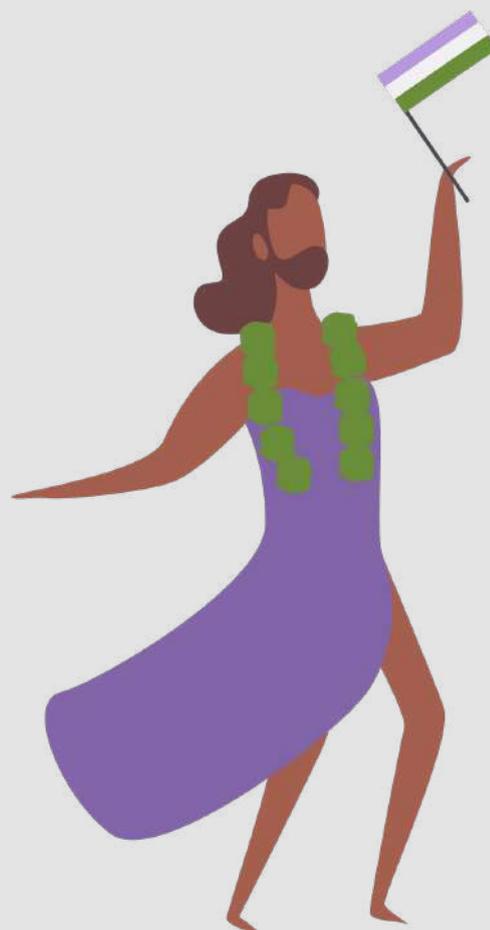
6 Sugestão para atividades com materiais audiovisuais: Solicitar aos participantes para que façam um “Caderno de memória das atividades e discussões” de cada filme, curta-metragem, documentário, vídeo de internet, etc, que forem levados para a discussão coletiva. Os resultados desse levantamento podem ser apresentados para a classe ou escola na forma de painéis ou jornal mural e ser desdobrados em redações e desenhos que representem o ponto de vista de cada pessoa em relação às vivências LGBT+.

7 No Capítulo 2 desta cartilha podemos encontrar vários filmes, documentários, séries, canais de youtube, podcast que podem ser trabalhados como o vídeo sugerido nesta atividade.



UNIDADE 4

Datas que marcam:
visibilizar para conquistar



Finalizamos a cartilha nesta Quarta Unidade em que são elencadas datas que marcam simbolicamente a celebração das existências LGBT+, dos avanços e das conquistas do movimento. Estas datas também são importantes para dar visibilidade às reivindicações por acesso a direitos, por reconhecimento da cidadania e para o combate à LGBTfobia.



29 de janeiro

Dia Nacional da Visibilidade Trans

No dia 29 de janeiro de 2004, pessoas transexuais e travestis em parceria com o Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde lançaram a campanha “Travesti e respeito: já está na hora dos dois serem vistos juntos. Em casa. Na boate. Na escola. No trabalho. Na vida” com o objetivo de sensibilizar educadores e profissionais de saúde e incentivar travestis e transexuais a reivindicar sua própria cidadania e dignidade. Desde então a data ganhou um sentido político de luta pela igualdade, respeito, visibilidade de pessoas trans e o enfrentamento à transfobia.



25 de março

Dia Nacional do Orgulho LGBT

No Brasil, o dia 25 de março é uma data de mobilização e luta por direitos, pelo respeito, visibilidade e reconhecimento da população LGBT+. Além desta data, em 28 de junho é celebrado oficialmente o Dia Internacional do Orgulho LGBT+.



17 de maio

Dia de Combate à LGBTfobia

Entre 1948 e 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificava a homossexualidade como transtorno mental. Nesta época, era usado o termo “homossexualismo”, cujo sufixo “ismo” remete à categoria de doença. Em 17 de maio de 1990, a Assembleia Geral da OMS aprovou a retirada do código 302.0 (homossexualismo) da Classificação Internacional de Doenças, declarando que “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio”. Nesta data simbólica, organizam-se eventos em vários países para chamar a atenção dos governos e da opinião pública para a situação de opressão, marginalização, discriminação e exclusão social em que vivem os grupos LGBTQ+ na maior parte dos países. No Brasil, o 17 de maio foi instituído como o Dia Nacional de Combate à Homofobia, por Decreto assinado pelo Presidente da República em 04 de junho de 2010.



19 de maio

Dia do Orgulho Agênero

Data simbólica que pessoas agênero elegeram para dizer que existem e tem orgulho de sua existência. Neste dia, é reivindicada a ocupação de espaços na sociedade, a visibilidade de suas pautas e o reconhecimento de direitos.



28 de junho

Dia do Orgulho LGBT

No dia 28 de junho de 1969, em mais um episódio de violenta repressão policial contra o público LGBT+ que frequentavam o Bar Stonewall, em Nova Iorque, uma multidão se rebelou contra a polícia. As manifestações de pessoas LGBT+ perduraram nos dias seguintes contra o sistema jurídico americano anti-LGBT e a data ficou conhecida como a Revolta de Stonewall. A partir de então, foi criado o Orgulho Gay, surgindo as primeiras organizações do movimento LGBT+ nos EUA e ganhando a atenção de muitos países para os problemas e a violência contra esta população. A Revolta de Stonewall ficou conhecida como um marco pelos direitos das pessoas LGBT+ e foi importante para fortalecer a luta dos movimentos nos EUA e em diversos países. A palavra orgulho é empregada no sentido de afirmação de cada indivíduo e da comunidade como um todo.



14 de julho

Dia Internacional das Pessoas Não-Binárias

Para lembrar que existem mais realidades para além do binário de gênero (homem/mulher), neste dia pretende-se promover a visibilidade e o reconhecimento das pessoas não-binárias, como o direito ao documentos de identificação sem a exigência da definição de gênero.



29 de agosto

Dia Nacional da Visibilidade Lésbica

A data refere-se ao dia em que se realizou o primeiro Seminário Nacional de Lésbicas (Senale), em 1996, no Brasil. É um dia dedicado a se discutir as pautas que o movimento reivindica e dar visibilidade à população de lésbicas no país.



23 de setembro

Dia da Visibilidade Bissexual

A data surgiu em 1999, proposta pelos ativistas estadunidenses Wendy Curry, Michael Page e Gigi Raven Wilbur, para a celebração do orgulho de ser bissexual e, ainda, para o combate a bifobia. A Associação Internacional de Gays e Lésbicas (ILGA) reconhece a data e diversos países a celebram como marco da luta das demandas da população bissexual.



26 de outubro

Dia da Visibilidade Intersexual

A data remete ao dia 26 de outubro de 1996 em que pessoas intersexos, integrantes da Intersex Society of North America, protestaram publicamente após serem impedidos de participar da Conferência Anual da Academia Americana de Pediatria, em Boston, EUA. A intenção do grupo era questionar a forma desrespeitosa com que pessoas intersexuais são tratadas pela sociedade, inclusive, desde o nascimento quando muitas sofrem com a mutilação genital. A data marca também a luta contra a invisibilidade intersexo e o direito ao reconhecimento da sua identidade de gênero.



20 de novembro

Dia Internacional da Memória Transgênera

Esta data, que em inglês significa Transgender Day of Remembrance (TDoR), é inspirada pelo assassinato, em 1998, de Rita Hester, mulher trans negra muito estimada na comunidade de Allston, Massachusetts. Este dia é dedicado à memória de todas as pessoas que faleceram vítimas da transfobia e para chamar a atenção da sociedade para a violência sofrida pela população trans em todo o mundo.



8 de dezembro

Dia do Orgulho Pansexual

Data que visa celebrar a visibilidade pansexual e reivindicar o respeito à identidade das pessoas que assim se identificam.

O Sal da Terra

Composição de Beto Guedes e Ronaldo Bastos. Disponível em <https://www.letras.mus.br/beto-guedes/44544/>. Acesso em: 20 jun 2020.

Anda!

Quero te dizer nenhum segredo
Falo desse chão, da nossa casa
Vem que tá na hora de arrumar

Tempo!

Quero viver mais duzentos anos
Quero não ferir meu semelhante
Nem por isso quero me ferir

Vamos precisar de todo mundo
Pra banir do mundo a opressão
Para construir a vida nova
Vamos precisar de muito amor
A felicidade mora ao lado
E quem não é tolo pode ver

A paz na Terra, amor
O pé na terra
A paz na Terra, amor
O sal da

Terra!

És o mais bonito dos planetas
Tão te maltratando por dinheiro
Tu que és a nave nossa irmã

Canta!

Leva tua vida em harmonia
E nos alimenta com seus frutos
Tu que és do homem, a maçã

Vamos precisar de todo mundo
Um mais um é sempre mais que dois
Pra melhor juntar as nossas forças
É só repartir melhor o pão
Recriar o paraíso agora
Para merecer quem vem depois

Deixa nascer, o amor
Deixa fluir, o amor
Deixa crescer, o amor
Deixa viver, o amor



REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. Coord. **Juventudes na escola, sentidos e buscas:** por que frequentam?. Miriam Abramovay, Mary Garcia Castro, Júlio Jacobo Waiselfisz. Brasília-DF: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015. Disponível em: http://flacso.org.br/files/2015/11/LIVROWEB_Juventudes-na-escola-sentidos-e-buscas.pdf. Acesso em: 22 mar. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no Brasil 2016:** as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2016/03/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2019.

AVILA, Bia. **O que significa ser uma pessoa assexual?** Disponível em: <https://medium.com/todxs/o-que-e-ser-assexual-d44b11f3a6ac>. Out. 2018. Acesso em 23 dez. 2019.

BORRILLO, D. **Homofobia:** história e crítica de um preconceito. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BUTLER, J. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 17 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. (negritar o título "Problemas de gênero")

CARRARA, Sérgio L. et al. (Orgs.). **Gênero e diversidade na escola:** formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro de Conteúdos. Versão 2009. Rio de Janeiro/Brasília: CEPESC/SPM, 2009.

CARVALHO, M. E. P.; ANDRADE, F. C. B.; JUNQUEIRA, R. D. **Gênero e diversidade sexual:** um glossário. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2009.

GÊNERO-FLUIDO. **Orientando:** um espaço de aprendizagem. Disponível em: <https://orientando.org/listas/lista-de-generos/genero-fluido/>. Acesso em: 23 dez. 2019.

JUNQUEIRA, R.D. **Pedagogia do armário**: a normatividade em ação. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/320>.

LINHA DO TEMPO. **110 anos da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (1909-2019)**. Elaborado por João. Implementado por Denis Lima Ferreira. 2019. Disponível em: <http://110anos.redefederal.org.br/#historico>. Acesso em 04 jan. 2020.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MENDES, M. A. C. **Racionalidades, cidadania e desenvolvimento rural**: a formação do técnico em agropecuária no Norte de Minas Gerais. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Faculdade de Ciências Econômicas, Porto Alegre, 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Pesquisa sobre Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar**, MEC/INEP. FIPE: 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diversidade_apresentacao.pdf. Acesso em: 22 mar. 2019.

MISKOLCI, R. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

NASCIMENTO, R. B. (Coord). **Cartilha Inserta**. Cartilha do (In)serto – Núcleo pela diversidade sexual e de gênero da Universidade Estadual de Montes Claros, s.d.

REIS, T., org. **Manual de Comunicação LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

ROCHA, A. P. Q. Educação, gênero e cidadania: a formação para a diversidade no ensino médio integrado ao técnico da educação profissional e tecnológica. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais, Montes Claros, 2020.

SIMÕES, J. A.; FACCHINI, R. **Na trilha do Arco-Íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

VERGUEIRO, V. S. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19685>. Acesso em: 07 ago. 2019.